O PERIODISMO PERNAMBUCANO: O PAPEL DO ``RELATOR VERDADEIRO´´ NA ESFERA POLÍTICA DE 1821

Flávio de Araújo Oliveira Coutinho Júnior*
Universidade Católica de Pernambuco
flavio.a.o.coutinho@gmail.com
Flavio José Gomes Cabral Orientador**
Universidade Católica de Pernambuco
gomescabral@uol.com.br

Resumo: Um dos efeitos imediatos da revolução liberal do Porto (1820) foi constitucionalizar a monarquia dotando-a de feições modernas. Na esteira dos acontecimentos foi posta em discussão questões relativas às liberdades entre elas a de expressão. O vintismo, nome pelo qual ficou conhecido a citada revolução, foi bem recebido em Pernambuco, província conhecida por antigos atos de rebeldia. Com a inauguração da arena jornalista entre elas o "Relator Verdadeiro", que circulou entre 1821 e 1822, os pernambucanos passaram a conviver com momentos únicos em que se via desmoronar os valores de uma sociedade de Antigo Regime. Vivia-se tempos turbulentos entremeados por batalhas políticas entre os conservadores (corcundas) e os liberais (constitucionais). A gazeta defendia as propostas constitucionalistas e estava aberta a receber, como os demais jornais, críticas dos leitores. Na realidade estava em cena um momento raro pontuado pela discussão, pelo direito de pensar, de falar e sobretudo de se manifestar sem os entraves impostos pela velha política.

Palavras-Chave: 1. Relator Verdadeiro. 2. Periodismo Pernambucano. 3. Cultura Política.

---

* Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC/CNPq).

** Doutor e mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2002 e 2008, respectivamente), Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (1982). Professor de História da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e professor aposentado de História da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco (1982-2014). Coordenador do Curso de História da UNICAP.

O Vintismo

Um fenômeno notório que há de ocorrer na Europa oitocentista é a influência do iluminismo e suas revoluções burguesas no léxico político da época. Rousseau, Montesquieu e tantos outros irão minar o campo das ideias. Isso terá consequências em Portugal, com a Revolução Liberal do Porto. O termo revolução pode ter vários sentidos semânticos, desde mudanças na tecnologia ou uma mudança na esfera política, guerras e golpes, em suma, revolução é aquilo que altera as estruturas do nosso cotidiano. Porém, revolução, na sua terminologia clássica, significa um retorno, uma volta ao ponto de partida do movimento. Atribuía-se um sentido cíclico como nas teorias políticas de Aristóteles e Políbio. Ademais, o termo revolução foi agregado ao campo do estudo dos astros, como mostra o lexicólogo Rafael Bluteau (1789, p.345,346). Com a Revolução Francesa (1789) revolução ganhou um novo significado, de caráter meta-histórico: revolução passou a significar algo transcendental, tornando-se uma medida reguladora. Um novo espaço de experiência se instaurava, tanto para a interpretação do passado, quanto aos prognósticos futuros. Desde então, uma nova linguagem estava disponível. (KOSELLECK, 2006, p. 61-77).

No dia 20 de agosto de 1820 ocorre a Revolução Liberal do Porto, com isso começa o período do vintismo lusitano, a sociedade lusófona agora compreendia signos para além do absolutismo então vigente. O que se propunha era uma ``regeneração´´ do sistema político, era o liberalismo abalando as estruturas do antigo regime, uma tentativa de reforma contra os ``antigos abusos´´. Apesar das influências liberais, o vintismo português terá características impares. Tinha-se medo de que a revolução poderia se tornar uma anarquia, segundo o pensamento dos atores políticos, portanto, a liberdade deveria estar em consonância com a lei: apenas a lei poderia garantir a liberdade. Com isso criar-se-á uma Assembleia Constituinte, com a intenção de ``enterrar o despotismo´´. O soberano de Bragança, El-Rey, que estava do outro lado do Atlântico, em solo brasílico, deveria retornar a solo lusitano, e Portugal desejava tomar novamente um papel principal na decisão das conjunturas.

Essas ideias chegaram ao solo brasílico, principalmente com a chegada do então conde de Palmela. Nesse momento dois partidos irão tomar a discussão: os

favoráveis a permanência do Rei em solo brasileiro e os favoráveis a que D. João promulgasse uma carta constitucional. Cada um tinha seus pressupostos. Os que queriam a permanência do Rei Bragantino nos trópicos alegavam que só assim o solo brasileiro se veria livre da influência das ondas liberais que ocorriam na capital. Já os favoráveis a ida de D. João, alegavam que só assim os ânimos seriam acalmados, apesar do risco da legitimação da revolução. Apesar da tentativa de cecear os ventos liberais de Lisboa, em capitanias como a do Pará e da Bahia, que possuíam fortes comunicações com as cortes lisboetas, começam a surgir movimentos em apoio as cortes. As tropas da Divisão Auxiliadora Portuguesa agiram de tal modo que o Rio de Janeiro aderiu ao movimento da ``regeneração´´, exigindo que D. João jurasse as bases da nova constituição.

Panfletos, pasquins, jornais, folhetos e manuscritos emergem nesse período conturbado. Estava se construindo uma nova cultura política com o vintismo, isso irá acarretar um debate no campo das ideias. Dos dois lados do Atlântico irá surgir uma pregação do liberalismo e do constitucionalismo. Tudo isso foi viabilizado com o decreto de 2 de março de 1821, decreto tal que abolia a censura prévia aos escritos, diferentemente do que ocorria no antigo regime.

Antes da Revolução Francesa a França contava com apenas um jornal que tratava muito mais da cultura do que da política, todavia, após a revolução surgiu 184 novos jornais, só em Paris. Um fenômeno parecido irá ocorrer em Lisboa após a Revolução Liberal do Porto. Ocorreu um boom de periódicos, cerca de 39 novos jornais surgiram na capital lusitana. No Brasil ocorre uma ``praga periodiqueira´´. Novos jornais surgiam frequentemente. Muitos não tiveram uma vida longa. Alguns publicaram pouquíssimos números, porém, mesmo assim, foram de grande importância na construção dos acontecimentos. Apesar de possuírem um caráter informativo, em alguns casos trechos de jornais de outras regiões eram transcritos. Muitas vezes se rompia com o caráter ``meramente informativo´´, e é notório um discurso ideológico em muitos desses periódicos.

Em meio a essa literatura de circunstância surge dois grupos que estão por trás desses periódicos. Existia o grupo dos ``corcundas´´ e o grupo dos ``constitucionais´´.

Os constitucionais, como o próprio nome revela, estavam de acordo com o rumo que a política luso-brasileira trilhava e se utilizavam da narrativa por meio dos periódicos para divulgar essas ideias. Em um ponto de tensão dialético, surge os corcundas. Os corcundas estavam a favor do antigo regime. O nome que lhes é dado é uma alegoria a como o corcunda está ``sempre se curvando´´ perante a figura real.(NEVES, 2003).

``O papel do jornalista se confundia com o do escritor. Sua missão era educar´´ (LUSTOSA, 2000, p.29). Os jornalistas, então impulsionados pelo espirito do vintismo que os rondava, tinham ideia da importância que seus papeis tinham. No geral, os jornais tinham a intenção de preparar a população para o regime liberal em ascensão, tendo a educação como um princípio de caráter pedagógico que moveria as mudanças sociais. Com a deficiência de livros e informações que existia, nesse período, cabia ao jornalista suprir essa carência.

A maioria dos jornais começavam com um texto mostrando a intencionalidade daquele periódico, no geral, a intenção era trazer os conceitos do mundo das ideias para a prática e o cotidiano. Com as paixões políticas em campo, era comum as divergências entre periodistas. Somando-se a isso, pela falta de especializações no Brasil oitocentista, o homem das letras falava de tudo, de todos os assuntos possíveis. Pela falta de pares, ``a sua ciência lhe parece realmente infinita, abrangendo todas as coisas sabíveis´´. (idem, p.34).

Para que uma aplicação prática das ideias ocorresse com maior vigor era necessária uma linguagem mais abrangente. Devia-se chegar ao maior grupo possível e, para isso, ``as polêmicas travadas por meio da imprensa brasileira a partir de 1821 fizeram com que o campo divisor entre a linguagem literária e popular fosse reduzido: a linguagem utilizada pelos jornais parece ocupar um espaço intermediário entre as duas.´´(idem, p.36).

A Recepção do Vintismo em Pernambuco

A notícia das cortes lusitanas explodiu por todo o território brasileiro, com Pernambuco não seria diferente. O Porto do Recife tinha um papel essencial para a

estrutura econômica. Por ali passava todo tipo de insumo conforme a demanda da época. Era um local importante para o escoamento econômico, porem também fazia ecoar ideias:

> *A notícia da eclosão da revolução constitucionalista aportou em Pernambuco, em 22 de outubro de 1820, no paquete inglês Chesterfiled. A novidade deixou Recife em polvorosa, espalhando-se velozmente e em pouco tempo. Não se comentava outra coisa nas ruas, esquinas, lojas, bares e residências. Aqui se falava em Constituição, ali se comentava sobre a convocação das Cortes.*(CABRAL, 2013.p.96).

Com toda essa movimentação emergente na urbe Luís do Rego Barreto, governador da província, cancelou sua viagem na liderança para o interior. Tratava-se de um movimento sebastianista, um ajuntamento de um campesinato livre, pobre e sem-terra que ocorrera em Bonito, no sítio da Serra do Rodeador (CABRAL, 2004). Deixou a cargo de Luís Antônio Salazar tal tarefa, e ficou na cidade do Recife para controlar movimentos que apoiassem a revolução lusa.

Estando o governador da província de Pernambuco preocupado com os rumos que as falas sobre a Revolução do Porto poderiam tomar, vários afazeres administrativos perderam sua importância maior no momento, dada a áurea que se construía a partir da narrativa da revolução. Combater esse movimento pela coerção se tornou prioridade. Apesar do agir que o governo tomou, não foi o suficiente para acalmar os ânimos da população. Luís do Rego ameaçou prender aqueles que fizessem comentários sobre tal tema, entretanto, ele não levou essa ideia para a ação dado que isso poderia ``levantar incêndios´´.

Na tentativa de que os comentários de além-mar não minassem mais ainda as estruturas vigentes evitou a comunicação com Portugal, vetando que navios cruzassem o oceano atlântico. Essa medida não agradou muito os comerciantes que viram nesse ato uma forma de prejuízo. Essa ação não foi exclusiva da província de Pernambuco. Governadores de muitas outras províncias fecharam os portos para embarcações lusitanas na tentativa de barrar textos que reforçassem o movimento liberal, tentando frear o movimento revolucionário em suas províncias.

Luís do Rego Barreto conhecia a população e o remorso que 1817 deixou, colocou as tropas nas ruas pernambucanas para que comentários sobre a Revolução do Porto não acontecessem, ao menos em espaços públicos. Apesar dos esforços do general Luís do Rego Barreto em cercear os comentários sobre a Revolução Constituinte, o apoio aos liberais adentrou em Pernambuco. As casas e as ruas, nesse momento, ganham uma nova utilidade, um novo sentido. Moções e conversas políticas aconteciam nos espaços privados, mas, as vozes eram públicas. (CABRAL, 2013, p.99,100)

Luís do Rego Barreto, então governador dá província de Pernambuco, é demitido. O eleitorado foi convocado pela Câmara de Olinda para comparecer a catedral da mesma cidade para que uma junta provisória fosse eleita. Para ser um eleitor era necessário ser maior de 25 anos de idade, além de possuir uma renda própria e ter adesão ao constitucionalismo. No dia do pleito os 134 votantes da província se reuniram na sé da cidade de Olinda, com a presença do governo temporário de Goiana e demais autoridades. Nesse processo Gervásio Pires Ferreira é eleito para ser o governador da província, Laurentino Antonio Moreira de Carvalho para secretário, dentre tantos outros nomes como o do Coronel Bento José da Costa, Felippe Neri, Joaquim José de Miranda Tenente Coronel Antonio José e o doutor Manoel Ignacio de Carvalho. Após essa eleição Recife e Olinda ficaram em festa, e os fogos tomaram conta do céu das duas cidades. O vigário por trás do periódico, ``Relator Verdadeiro´´, dá o destaque a essa notícia, ocupando a primeira página do jornal.

Aquele que Fala: Uma Biografia do Redator do ``Relator Verdadeiro´´

Segundo Mello (1858, p.57-62), nascia em 5 de abril de 1870 Francisco Ferreira Barreto. Ele estudou latim com o Padre Joaquim Rodrigues dos Santos, filosofia com o Padre José de Goes e Teologia com o Padre José Marcellino, no Seminário Episcopal de Olinda. Local que deveria ``educar o homem na piedade, na religião e nos bons costumes´´, como mostra os Estatutos do Seminário, escrito por Azeredo Coutinho (1798, p.01).

Francisco Ferreira Barreto foi ordenado presbítero em 1813. Segundo os relatos, o Vigário tinha uma ``aptidão às letras´´, fator que deu-lhe a antonomásia de doutor. Quando estava no púlpito, sua retórica atraia ouvintes e aplausos. Durante a revolução pernambucana de 1817 muitos sacerdotes, tanto regulares quanto seculares, se envolveram como arautos da revolução, estando envolvidos com ``armas e comandos´´, mas, não foi o caso do nosso padre. Temendo por sua segurança dada a `ingerência popular´´, tomou apenas o lugar de espectador do evento.

Diferentemente do papel que tomou no movimento separatista de anos atrás, Francisco Ferreira Barreto teve uma ação diferente com a constituinte. Quando o Rei jurou a constituição, ``ninguém o viu então vacilante´´. Pernambuco havia proclamado D. Pedro nos dias 1 e 2 de junho de 1822 com o Poder Executivo, independente do Poder Executivo lusitano, porém, nas demais questões estava sujeito as Cortes Extraordinárias e Constituintes do Reino Unido.

No natalício de D. Pedro, em 12 de outubro, seu aniversário foi agraciado com toda a pompa possível. Seu retrato foi colocado ao lado do de seu pai [D. João VI]. Na organização desse evento estava Francisco F. Barreto. Uma grande orquestra estava ali, e uma música foi composta e executada por Joaquim Bernardo de Mendonça, com trechos como:

> *O Pedro Invicto! Flor de Bragança! Nossa Esperança! Nossa União! Livra teu Povo, Da Escravidão, Liberta a Pátria, Salva a Nação. (...) De ouvir Teu Nome, O Despotismo, Desce ao abismo, Pragueja em vão(...) Basta de Algemas, Basta de enganos, Basta, Tiranos, de Escravidão. Pedro! Abrangendo Virtudes mil, Faz do Brasil outra Nação.* (Mello, 1858, p.61).

Ou seja, isso mostra que o Vigário não era um anti-monarquista e sim um constituinte, querendo romper as estruturas do antigo regime no ponto de vista constitucional. O engajamento de Francisco Ferreira Barreto com tais questões é contemplado em um processo posterior, dado que ele ocupou o cargo de suplente na Assembleia Geral Constituinte do Brasil.

A Narrativa do ``Relator Verdadeiro´´

O tema aqui tratado está relacionado com um periódico. Graças a isso, devemos ter o cuidado ao observar o documento: quem escreveu, para quem escreveu, o uso iconográfico, periodicidade e afins (LUCA in PINSKY, 2008, p. 111-142). A história deve ser entendida como um processo e para tal, dada à intencionalidade que o periódico carrega, ``é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis´´ como nos diz Carlo Ginzburg (2002, p. 144).

Segundo Nascimento (1969, p.28), no dia 13 de dezembro de 1821, surge um novo jornal, chamado de o ``Relator verdadeiro´´. Em formato de 25 x 21, com quatro páginas de coluna dupla. O periódico era vendido na Loja de Antônio Xavier da Silva, no pátio do Colégio e na rua do Rosário nº 140, onde ficava à Botica de José Matias. Era impresso na Oficina do Trem de Pernambuco.

O ``Relator Verdadeiro´´ foi o terceiro periódico pernambucano. O primeiro fora o ``Aurora Pernambucana´´, que o primeiro número data de 27 de março de 1821. O segundo se chamava ``Segarrega´´, e o primeiro volume data de 8 de dezembro de 1821. O ``Aurora Pernambucana´´ é fundado pelo então governador da província de Pernambuco, Luís do Rego Barreto, e era redigido pelo seu secretário, Rodrigo da Fonseca Magalhães. No começo da primeira edição, depois do rumo que levara as cortes ``quis o excelentíssimo Senhor Governador e Capitão-General que, por meio de um periódico, se instruísse o público de tudo quanto se fizesse a favor da causa de El-Rey e da Nação´´. Luís do Rego era favorável ao antigo regime, todavia, é notório uma adaptação do discurso perante o novo cenário político. Quem estava por trás do ``Segarrega´´ era o português Filipe Mena Calado da Fonseca. Esteve envolvido na revolução de 1817 e compactuava com as ideias liberais.

O jornal vinha com um cabeçalho: a imagem tem um valor simbólico, ou seja `` uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.´´ (JUNG, 2016, p. 19). Na logo do jornal vê-se representado uma índia armada, o Brasil, e uma mulher segurando uma espada, provável alusão a deusa grega da justiça, Themis. Ambas as mulheres estão com as mãos estendidas sobre uma coroa, que representa a figura de El-Rey. Em uma

estrutura, que aparenta ser uma parte de uma coluna grega, está escrito ``Sic semper manebunt´´, em uma tradução livre, ela durará para sempre. E, mais abaixo da estrutura, na sua base, está escrito ``Constituição´´. Ou seja, está sendo construído o sistema político representado pelo jornal. Uma alusão ao sistema político que estava se instaurando com os rumos das cortes lusitanas. A constituição como base do sistema; a base que há de guiar as ações do Rei.

Algo muito comum no periodismo vintista era citar autoridades nos escritos, para legitimar o discurso. Doutores da igreja eram citados, assim como clássicos do mundo greco-romano (CARVALHO, José Murilo; BASTOS, Lúcia, BASILE, Marcello, 2014, p. 13-14). No caso do ``Relator Verdadeiro´´ em sua epigrafe vinha a seguinte inscrição: "Utilius homini nihil est, quan recte loqui" (nada é mais útil ao homem do que falar corretamente), de Phedro. Phedro, ou Fedro, foi um grande fabulista romano que viveu durante a época de Augusto, ou seja, no auge do império romano. Fedro, sendo filho de escravos, foi alforriado pelo imperador. ``Zombando dos sofrimentos da gente rica e queixando-se das misérias mais substanciais´´ está Fedro ``o pobre escravo, a voz do povo´´ (CARPEAUX, 2017, p. 117,118). Fedro é conhecido por ter traduzido Esopo do grego para o latim, ademais, várias fabulas suas se tornaram recorrentes ao imaginário ocidental. Esse verso vem de um poema seu, chamado Leo Regnans, Um Leão a reinar. Com a ajuda do sobrinho do professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques, Renan Marques Liparotti, doutorando em Mundo Antigo pela Universidade de Coimbra, eis a tradução:

> *Nada é mais útil é ao homem do que falar corretamente; Comprovável a todos é tal sentença, mas à calamidade costuma conduzir-se a sinceridade. Quando o Leão se tornou o rei de todos os animais, e desejava perseguir a fama da moderação, desviou de seus antigos hábitos, e entre elas conteve-se com um tênue alimento.* (FEDRO, 1784, p. 119-120).



A alegoria tratada evoca um sentimento de liberdade a partir da cristalização de um passado livre, evocando o arquétipo da liberdade presente nos seres humanos. Esses arquétipos agregados e construídos de forma cultural, faziam total sentido para o homem que dali falava e para quem o recebia. E, mesmo que à primeira vista o leitor não conseguisse observar toda essa questão estruturante, ele estava envolto como constituinte daquilo, em suma, como pertencente a uma narrativa mestra. Ou seja, ``o ser humano pode comunicar tudo que pensa. E mais: É somente pela capacidade de se comunicar que unicamente os homens podem pensar o comum.´´ (GADAMER, 2002 p.173,174).

No começo do jornal, na dedicatória, Francisco Ferreira Barreto diz que dado aos acontecimentos políticos era necessário a província um jornal ``guiado pelo espirito da retidão e da imparcialidade´´. Sabe-se que nada produzido pelo ser humano é neutro, como mostra uma análise do discurso (GREIMAS, 1975). Como observou Mario Ferreira dos Santos, existe uma dialética entre o consciente e o inconsciente e ``a inconsciência expressa-se, de qualquer forma, através de uma simbólica´´ (1959, p.88). Nessa mesma dedicatória o vigário vai dizer que anteriormente o céu da província estava carregado por uma ``carrancuda aurora´´ e que, em meio a isso, ``se anunciou nas trevas afrontosas de um céu, tão melancólico e tão toldado´´ o seu jornal, que seria então guiado pela ``retidão e pela imparcialidade´´ para que o povo tivesse ``as notícias políticas do tempo´´. A construção narrativa mostra uma intencionalidade, dado que ``faz parte do

equipamento humano chamado `liberdade´ não poder viver as efetuações temporais de sua vida sem sua própria participação, sem seu posicionamento, sem um comportamento próprio em relação a elas.´´ (RÜSEN,2014 , P.257).

E assim começa o jornal:

> *Enfim adelgaçaram-se as nuvens, desassombrou-se de uma vez a atmosfera de Olinda, dissiparam-se os vapores negros que a toldavam e despontou, entre os pernambucanos aflitos, o Sempre Memorável e Faustíssimo Dia 15 de Outubro.* (BARRETO, 1821, p.01).

Logo em seguida o redator irá dizer que esse dia é um dia ``vindouro das idades futuras´´, que é um ``dia solene´´ e que ``rememorem as gerações brasílicas.´´ No discurso de Francisco Ferreira Barreto fica claro a tentativa da cristalização do acontecimento. Usando um suporte poético para tecer sua narrativa, ele constrói o texto na tentativa de narrar os ``grandes acontecimentos´´. Para ele, esse acontecimento deveria ser ``marcado com pedra branca´´ e que é ``digno dos mármores númidicos´´. O simples fato dele ter escrito a data em letras maiúsculas, como na citação a cima, já mostra a tentativa de criar uma data para além do significado usual do calendário, como se essa data merecesse adentrar em uma espécie de ``panteão´´ dos acontecimentos importantes. Outro fator também observável é que ele deixa claro que o ato deve ser rememorado pelas futuras gerações brasílicas, ou seja, a mentalidade já é da construção de uma identidade para além dos nativismos de outrora.

Ademais, existe por trás um discurso da legitimação do acontecimento, principalmente por duas vias: pela participação popular e pelo sagrado. Ele narra que o entusiasmo da população foi grande, que foi um fato que ``não há nem palavras, nem tintas, sente-se, mas não se exprime´´. Relata as celebrações e festas que ocorreram com a guinada política que foi a eleição, e legitimação, da junta provisória, em consonância com as cortes extraordinárias e com a aprovação de El-Rey. Além dos fogos de artificio, dos hinos constitucionais cantados pela população, existe também a legitimação pela via do sagrado. O vigário relata que, nesse espirito festivo os sinos das igrejas tocaram em louvor ao acontecimento, ``o eco atroador dos

bronzes sagrados´´, além de ``solenes ações de graças´´ aconteceram, e até mesmo antes da consumação da junta provisória ocorreu uma ``missa solene do Espirito Santo´´. Francisco Ferreira Barreto era do clero da igreja, e a população tinha fortes vínculos com a Igreja, ou seja, o discurso fazia sentido, com isso `` o homem religioso crê que vive então num outro tempo, que conseguiu reencontrar o *illud tempus* mítico.´´ (ELIADE, 2018, p.77).

Em 23 de dezembro de 1821 sai a segunda edição do jornal e última do ano de 1821. O redator irá dizer que ``há mais de quatro anos está província perdeu a significação do vocábulo tranquilidade´´ e segundo ele ``ela [a província] tem sido um teatro dos déspotas´´. Alusão a chegada de Luis do Rego Barreto, o ``déspota´´, aquele que o redator do ``Segarrega´´, por exemplo, irá chamar de ``aquele Diocleciano´´, imperador romano conhecido pela perseguição aos cristãos . Porém ``de grandes ruinas surgem impérios´´ e esse império, para ele, é o governo liberal que tem Gervásio Pires como presidente da província, um sistema ``pacífico, moderado e benéfico´´ que ``estabeleceu de repente a ordem e tranquilidade pública´´. Para o redator, do Caos surgiu o Cosmos organizado. (idem, p. 48-52)

Destarte, o jornal é fruto de seu tempo e dos fatores externos que circundavam ao imaginário político da época. E além dos fatores externos, os fatores intelectivos de quem escreve, daquele que narra, demonstra as minúcias de um homem religioso, monarquista e constituinte, que quando viu a oportunidade de legitimar um acontecimento que estava em consonância com seus pressupostos e valores não se negou a fazer parte da construção narrativa dos fatores de sua época.

REFERÊNCIAS:

BARRETO, Francisco Ferreira. **Relator Verdadeiro**. Recife, Nº 1. 13 de dezembro de 1821. FUNDAJ.

BARRETO, Francisco Ferreira. **Relator Verdadeiro**. Recife, Nº 2. 23 de dezembro de 1821. FUNDAJ.

BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva.** Lisboa – Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5413 Acesso em: 05/11/2018.

CABRAL, Flavio José Gomes. **Conversas Reservadas: ´vozes públicas´, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da independência do Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

CABRAL, Flavio José Gomes. **Paraíso Terreal: a rebelião sebastianista na serra do rodeador – Pernambuco – 1820.** São Paulo: Annablume, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental, Vol I** – DF: Senado Federal, 2017.

CARVALHO, José Murilo; BASTOS, Lúcia, BASILE, Marcello**. Guerra Literária: panfletos da independência (1820-1822)**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014.

COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo. **Estatutos do Seminario Episcopal de N. Senhora da Grasa da cidade de Olinda de Pernambuco**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1798. Disponível em: http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/433785 Acesso em: 19/10/2018.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FEDRO. **Phaedri Augusti Liberti Fabulae Aesopiae : novissime recognitae et emendatae accedunt Publii Syri Sententiae Aviani et Anonymi Veteris fabulae denuo castigatae.** Biponti ex Typographia Societatis, 1784. Disponível em: http://bdh.bne.es/bnesearch/biblioteca/Phaedri%20Augusti%20Liberti%20Fabulae%20Aesopiae%20%20%20novissime%20recognitae%20et%20emendatae%20/qls/Fedro/qls/bdh0000078746;jsessionid=8A9345C33E768C9B5863D985A357FF51 Acesso em: 28/11/2018.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II**. Rio de Janeiro:Vozes, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. — 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido: ensaios semióticos.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Haper Collins, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuições à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora).. **Fontes históricas.** — 2.ed, la reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos: A guerra dos jornalistas na independência 1821–1823.** São Paulo: Companhia das letras, 2000.

MELLO, Antonio Joaquim de. **Biografias de Alguns Poetas, e Homens Ilustres da Provincia de Pernambuco. Tomo II**. Recife: Typographia Universal, 1858. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242732 Acesso em: 18/10/2018.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco.** Volume IV. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=614&Itemid=460 Acesso em: 19/10/2018.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. **Corcundas e Constitucionais: a cultura política da independência (1820-1822).** – Rio de Janeiro – FAPERJ: Editora Revan, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Cultura Faz Sentido: Orientações entre o ontem e o amanhã. –** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SANTOS, Mario Ferreira dos. **Tratado de Simbólica.** São Paulo: Logos, 1959.